SOBRE ESCRAVOS, POBRES E PERIFÉRICOS: A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

ABOUT SLAVES, THE POOR AND THE PERIPHERAL: THE WRITING OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Marcelo de Jesus de Oliveira[1]

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio[2]

RESUMO

Este artigo resulta da dissertação de mestrado em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal do Tocantis (UFT) e tenciona discussões acerca da construção do projeto de escrita da professora, escritora e militante antirracista Conceição Evaristo. Para tanto, utilizou-se de pesquisas bibliográficas e documentais de natureza qualitativa, em que permitiram a expansão das discussões levantadas neste trabalho a partir de proposições teóricas de Evaristo (2009-2010-2017); Pinsky (2010); Mendes (2014); Duarte & Lopes (2018) e outros. A partir disso, verificou-se que a escrita de Conceição Evaristo (escrevivência), assim como seu próprio ofício literário (escreviver), são profundamente marcados pela sua condição de mulher, negra, pobre e periférica e, portanto, suas produções são atravessadas por intersecções de classe, gênero e raça, além do compromisso em rasurar o passado escravocrata que ainda modelam as conversões sociais de pessoas pretas na atual conjuntura da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Escrevivência. Afro-grafias. Memória.

ABSTRACT

This article results from the master's thesis in development at the Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) of the Universidade Federal do Tocantis (UFT) and intends to discuss the construction of the writing project of the teacher, writer and anti-racist activist Conceição Evaristo. For this, it was used bibliographic and documentary research of a qualitative nature, which allowed the expansion of the discussions raised in this work from theoretical propositions of Evaristo (2009-2010-2017); Pinsky (2010); Mendes (2014); Duarte & Lopes (2018) and others. From this, it was verified that Conceição Evaristo's writing (escrevivência), as well as her own literary craft (escreviver), are

[1] Mestre em Letras, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT; Especialista em Literatura Contemporânea, pela Faculdade Mantenense dos Vales Gerais - INTERVALE; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Arte, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI; Graduado em Licenciatura em Letras Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Atualmente, é professor nível III do curso de Pedagogia do Centro Universitário Uniplan, campus Açailândia. E-mail: pfmarcelopt@gmail.com

[2] Pós-doutor em Educação (UNICAMP - CORPO-TEMPORALIDADE: a intuição como conhecimento no ensino de teatro), Pós-Doutor (INTENCIONALIDADE E AFETIVIDADE - A paisagem corporal-pessoal nos processos de construção de conhecimento no contexto de experiências corporais-estéticas), Doutor (AS ARTES CÊNICAS E O CONSTRUTIVISMO SEMIÓTICO-CULTURAL EM PSICOLOGIA - diálogos a partir da experiência corporal-estética em Composição Poética Cênica) e Mestre (DRAMATURGIAS CONSENSUAIS - a interação verbal no ato criativo) em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia da USP; Bacharel em Artes Cênicas, pela UNICAMP; Licenciado em Teatro (Mozarteum); é professor adjunto em regime de dedicação exclusiva do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professor permanente do Mestrado em Letras (Porto Nacional) da mesma universidade. Coordenador do CONAC (Grupo de pesquisa em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento - CNPq/Brasil). E-mail: juliano.casimiro@uft.edu.br

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

deeply marked by her condition as a woman, black, poor and peripheral and, therefore, her productions are crossed by intersection of class, gender and race, in addition to the commitment to erase the slave past that still shape the social conversions of black people in the current conjuncture of society.
KEYWORDS: Escrevivência. Afro-graphies. Memory.

INTRODUÇÃO

A escrita de Conceição Evaristo, como bem é posto pela própria autora em uma entrevista concedida ao TvBrasil (2017)[3] emerge a partir das experiências vividas tanto no plano individual, isto é, por ela mesma; quanto no plano coletivo, sendo essas representadas por episódios nos quais seus ancestrais, pai, mãe, avós, irmãs, tias, conhecidos e afins vivenciaram e que, de alguma forma, em larga medida pela oralidade, foi por ela contatada. A ocorrência acima lindada justifica, portanto, a nomeação "escrevivência" atribuída aos seus textos que, conforme poderá ser mais bem observado nas discussões apresentadas a seguir, surge como um texto visceralmente ancorado em um processo histórico atingido por intermédio das experiências de quem a escreve.

Diante da leitura de suas importantes e sensíveis obras, é possível esquadrinhar que a escravidão no Brasil – evento que marcou negativamente a história do país e que segue de maneira drástica, ainda na contemporaneidade, moldando as convenções sociais nos mais diferentes âmbitos – recebe uma atenção especial, uma vez que Conceição Evaristo revisita por fios de suas memórias as experiências passadas, vividas no curso do regime escravagista, para subverter no íntimo de suas narrativas o sistema opressor ainda em exercício.

Consequentemente, no desenvolvimento dessa prática, a escritora labora de modo a abordar temas socialmente complexos e apresentar personagens historicamente perseguidos e invisibilizados em razão de situações provenientes e/ou sucessoras à escravidão, de modo a causar inquietação no público leitor e na crítica literária que prima pelo discurso canônico-colonizador.

Pensando nisso, para se fazer compreender a relação estabelecida entre o período em questão e o ofício literário de Conceição Evaristo, procurou-se situar historicamente a referência de escrita tomada pela autora, destacando elementos fundamentais para a discussão

[3] "Quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro da casa-grande escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa grande, né?... a prole era adormecida com as mães-preta contando história... então era histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos... é... ele tenta borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, para acordá-los dos seus sonos injustos". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pCq9E-d8_o >.

Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

e entendimento de como situações vividas e/ou surgidas na escravidão aparecem de maneira tão íntima nas obras assinadas pela respectiva escritora, percebendo, de igual modo, como os excluídos e visibilizados sociais – sobretudo aqueles referenciados no título atribuído à este trabalho – são apresentados na condição de protagonista nas escrevivências de Conceição Evaristo.

REFERENCIALIDADE HISTÓRICA - A ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Em *A escravidão no Brasil* (2010), uma das mais importantes obras do historiador brasileiro Jaime Pinsky, a escravidão é caracterizada pela submissão total de uma pessoa a outra - da pessoa negra a branca - tornando-o, desse modo, propriedade do dominador, em que até a vontade do dominado está condicionada à autoridade do seu pretenso possessor (PINSKY, 2010). Ao contrário do que circunda na imaginação[4] de muitas pessoas em relação à escravidão, as práticas escravagistas não surgem em 1530, posterior ao "achamento"[5] do Brasil (MENDES, 2004). Na antiguidade, por exemplo, em especial na Mesopotâmia e no Egito, já se mantinham o costume de seleções coatas de uma quantidade excessiva de homens, em que uma vez recrutados, também forçadamente, eram-lhes atribuídos a incumbência das construções de obras públicas como templos e barragens. Todavia, estes cidadãos não eram vendidos ou trocados em razão de suas condições de pessoas escravizadas, como assim aconteceu em regimes mais severos, tal qual o posto em curso no Brasil desde as aventuras coloniais (PINSKY, 2010).

Neste país, onde o regime teve sua mais cruel versão, a obtenção de pessoas a serem escravizadas acontecia, inicialmente, de maneira não sistemática, pois não se tinha como principal objetivo raptá-los, dado que as expedições portuguesas operavam no intuito de angariar, essencialmente, riquezas naturais. No entanto, ainda sim, no decurso deste processo, muitos nativos eram reclusos de suas liberdades e convívio familiar aleatoriamente, considerando que não haviam precedentes de programação de tráfico dos africanos neste primeiro momento. Mais tarde, uma vez difundida a prática e a escravidão já brevemente instaurada, o tráfico de negros africanos por parte dos portugueses é mais bem estruturado,

[4] Este conceito aparece aqui balizado na concepção teórica de Vygotsky (2011) que em seus estudos relacionados ao imaginário dissocia a relação existente entre imaginário e imaginação firmando que enquanto o imaginário está para o social, portanto, socialmente construído, a imaginação, por outra via, está para o pessoal, não desconsiderando, contudo, o contexto sócio-histórico-cultural.

[5] Justifica-se o uso de tal neologismo por acreditarmos que o Brasil não foi encontrado, bem como afirma a pretensa história oficial do país.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

pois, agora, a captura e a submissão à condição de pessoas escravizadas configuravam-se como objetivo central das expedições portuguesas (PINSKY, 2010) e, portanto, dá-se início a uma fase duradora e sangrenta que ainda assombra a população negra brasileira em virtude do alto teor de violência exercida sobre ela no decurso deste regime.

No sentido das atrocidades propagadas pelos colonizadores portugueses no período discutido, salienta-se que o tráfico transatlântico assume uma posição considerável no ranking, posto que neste processo aconteceram fatos tão repudiantes quanto as situações que o sucederam. Este episódio aparece sempre, ainda que não explicitamente, nos textos de Conceição Evaristo; tanto como uma memória provinda do trauma, quanto uma memória que (re)existe em respeito aos que foram vitimados, ou ainda, como pontua Gagnebin (2006), como uma memória que trabalha no plano da elaboração e do luto no intuito de obter compreensão e esclarecimento em relação ao passado e o presente. No poema *Vozes-Mulheres,* publicado como parte dos textos que compõe a obra *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017), a autora relembra criticamente tais acontecimentos ao cunhar: "A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio / ecoou lamentos / de uma infância perdida. A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo [...]" (EVARISTO, 2017a, p. 10-11). Neste excerto, é possível compreender o impacto que o tráfico negreiro ocasionou na vida das pessoas pretas; privando-lhes de suas vontades e culturas, submetendo-lhes em um regime no qual toda sua autenticidade e poder de escolha fora anulado em detrimento dos interesses dos brancos, além de evidenciar o longo período de duração da escravidão que os tornaram vítimas comuns, conforme o eu-lírico presente no poema acima: a geração de sua bisavó, avó e filha, respectivamente.

Em relação a ocorrência acima discutida, Ribeiro & Silva (2017) declaram que o transporte feito de modo forçado dos africanos para as Américas compactuou diretamente para exploração disparada de mão de obra de milhões de pessoas negras. Esta prática, consequentemente, fez acrescer – a partir de medidas desumanas – o desenvolvimento das sociedades americanas, quem esteve rigorosamente associada ao processo de colonização e escravização das comunidades naturais da África.

Na concepção de Silva (2018), é nesse período que Portugal põe-se a praticar um dos maiores crimes contra a humanidade – o genocídio negro –, tal qual pode ser percebido no trecho apresentado a seguir: "ao raptarem os africanos, impedindo-lhes de viver em sua cultura e de praticarem suas crenças [...] os países europeus praticaram um genocídio cultural (*anulação de identidade*) e social (*segregação*)" (SILVA, 2018, s/p, grifo no original). Portanto, considerado os dados expostos, é possível compreender o esforço exercido por

Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

Conceição Evaristo em consagrar sua literatura como um espaço de memória ativa aos povos afro-brasileiros, uma vez que, dada as condições, é imprescindível uma reconstituição e conservação da cultura e dos costumes de suas centralidades que foram submetidos a um processo de ocultamento em razão dos interesses da escravidão.

Em *Recordar é Preciso* (2017a), poema de Conceição Evaristo, o eu-lírico poético propõe uma discussão, por meio de uma memória histórica, em torno da necessidade de uma retomada ao passado, especificamente aos episódios traumáticos financiados pelo tráfico de mulheres e homens negros da África para o Brasil, como pode-se observar na primeira estrofe do poema: "O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos / A memória bravia lança o leme:/ Recordar é preciso" (EVARISTO, 2017a, p. 28). Nestes versos, percebe-se um momento de reflexão por parte do eu-lírico em relação aos movimentos do mar, certamente o oceano atlântico, por onde os navios negreiros transitavam com os tumbeiros carregados de humanos como se não os fossem. Por conseguinte, nota-se uma alusão dos movimentos da água para com os caminhos percorridos pelas lágrimas no rosto de quem vive no poema, como vê-se na segunda estrofe: "movimento vaivém nas águas-lembranças / dos meus marejados olhos transborda-me a vida, / salgando-me o rosto e o gosto (idem, ibidem), inferindo ao leitor a existência de uma rememoração dolorosa.

Em *Memória, História e Literatura na obra da escritora negra Conceição Evaristo*, Machado (2018) assevera que este intento reluz um elemento importante ao contexto do projeto de escrita de Conceição Evaristo, já que os trechos expostos acima evidenciam a relação entre "o mar e as lágrimas, entre o ser diaspórico e o sofrimento" (MACHADO, 2018), o que permite-nos reafirmar a autora tem um especial interesse nas rememorações do tráfico negreiro como assunto-objeto de suas narrativas.

As atrocidades do regime escravagista no Brasil, por outro lado, não se limitaram ao cataclismo do tráfico, posto que as condições de trabalhos, estadia e relacionamentos sociais em que foram posteriormente submersos estas pessoas caracterizavam-se como igualmente deploráveis. Salienta-se, ainda, que os efeitos do trabalho escravo, embora a opressão os fizessem vítimas comuns, tiveram consequências dissidentes para mulheres e homens, em especial quando se trata de demonstração de poder da parte do senhor para com a serva e o servo[6], pois, para Giacomini (1988), as relações entre senhores e homens escravizados eram

[6] Reconhecemos a necessidade da neutralização de gênero nos textos de quais quer natureza. No entanto, como a neutralização em "e" não é, infelizmente, gramaticalmente reconhecida e em "/" dificulta a leitura de pessoas com deficiência visual, pois os softwares atuais ainda não a leem, optamos por neutralizar em "ela e ele", por isso, por diversas vezes neste texto aparecerá colocações nesse sentido.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

exercidas pela força; enquanto as relações entre senhores e mulheres escravizadas, embora também as fizessem acontecer pela força, exercia-se de igual maneira pela sexualidade.

Nesse período, a mulher negra posta em condição de escrava, para além de servir aos senhores dos engenhos enquanto trabalhadoras braçais não remuneradas, deveriam, ainda, entregar-lhes seus corpos, sob severas ameaças, tanto como ama de leite, quanto para satisfação sexual daqueles que se qualificavam como superiores, "pois a negra é coisa, pau para toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque além de escrava é mulher [...]" (GIACOMINI, 1988, p. 83). Portanto, observa-se que a escravidão para a mulher negra representou, para além da violência comum entre escrava e escravo, outras que recaiam exclusivamente sobre si, como a exploração sexual desenfreada e a violação sexual de seus corpos.

Durante a instauração do regime escravagista no Brasil, como já pontuado anteriormente, o trabalho braçal fora tomado como ofício a ser desenvolvido exclusivamente por pessoas negras, sem restrições de gênero ou faixa etária. Consequentemente, dentro dessa lógica, as pessoas escravizadas eram divididas em duas especificidades de produção, sendo elas: as de ganhos administrativos e as das ocupações domésticas. O primeiro dizia respeito àqueles destinados a exercer a mão de obra em pequenos comércios e fazendas dos senhores; realizavam, portanto, colheitas, vendas, tratamento do solo, plantio, descarga e acomodação de mercadorias. O segundo, demasiadamente exercido por mulheres, se tratava da incumbência da higiene das casas dos "donos de tudo" (EVARISTO, 2017a)[7], ama de leite, cuidado da família e dos filhos dos da casa-grande, contação de estórias de ninar para os filhos das sinhás, bem como outras atividades consideradas subalternas.

As mulheres que atuavam nas casas dos senhores, denominadas "escravas domésticas", também eram nomeadas, mais comumente, de *mucamas* ou *mucambas,* personagens muito presentes nos discursos de Conceição Evaristo. Para Brasil (2013), mais especificamente, as mucamas eram consideradas escravas de estimação das senhoras-dona, isto é, das brancas donas da casa e, também, das sinhás-moças - filhas das donas. Por não terem atividades assiduamente definidas durante a escravidão no Brasil, as mucamas desenvolviam ofícios diversos para além das já elencadas, por exemplo: servir de companhia para as donas de casa e suas filhas, acompanhá-las quando saiam e, ainda, auxiliar as senhoras com as costuras, bordados e outras vestimentas (BRASIL, 2013).

[7] A escritora mineira Conceição Evaristo utiliza tal denominação para fazer referência aos senhores do engenho, quem mantinham a prática de compra e venda de escravos no período discutido.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

Em *Mucama permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil*, Nogueira (2017) evidencia que mulheres negras e pobres, ainda na contemporaneidade, exercem o papel de servidão nos espaços históricos e sociais altamente desiguais nos mais diferentes aspectos. Esta situação se dá, ainda segundo a autora, porque a classe na qual se centra a discussão nesse momento – domésticas brasileiras – "representam uma forma de emprego que ainda carrega muito fortemente as relações de servidão reservadas a estas mulheres desde a colonização, antes como trabalho escravo, agora como trabalho remunerado" (NOGUEIRA, 2017).

Nesse caminho, as relações de servidão reservadas às mulheres negras durante o curso da escravidão, como bem é colocado por Nogueira (2017), impediram-nas de gozar de suas vontades recreativas e capacidades intelectuais, pois, como visto, as vontades das pessoas escravizadas eram anuladas em detrimento das vontades dos seus senhores. Consequentemente, essas experiências contribuíram de maneira maçante para que a mulher negra fosse estereotipada como aquela que toda qualidade se resume ou está pensada ao corpo, trabalho braçal, desejo sexual lascivo, dentre outros, desprovida de qualquer capacidade exterior às elencadas (OLIVEIRA, 2019) - produto do imaginário social em relação a mulher negra construído a partir da escravidão e situações provenientes.

O modelo de representação da mulher negra na contemporaneidade, que se manifesta a partir do que construiu-se socialmente em relação à elas no período escravagista, é também um dos pontos de crítica notáveis nas obras de Conceição Evaristo, visto que sua literatura é profundamente marcada pela sua condição de mulher negra pertencentes a classes populares e invoca discussões ancoradas em situações intimamente associadas à escravidão, como a autora já pontuara em: "essa minha condição de mulher negra na sociedade brasileira [...] ela vai interferir no que eu quero narrar, como eu quero construir essas personagens, o que eu quero levar para o texto, o que eu acho que deve levar para o texto" (TV PUC - RIO, 2017).

À vista disso, notabiliza-se que é certamente por essa razão que tanto em *Ponciá Vicêncio* (2003), romance pelo qual Conceição Evaristo se apresenta efetivamente ao cenário literário nacional com uma obra autoral, quanto em *Becos da Memória* (2006), *Olhos D'agua* (2014) e demais narrativas assinadas pela autora, as personagens femininas são segmentadas de maneira a subverter as condições e demandas que historicamente lhe foram dadas, denunciando, consequentemente a marginalização, hipersexualização, o patriarcalismo capitalista, e outras mais situações degradantes que advém potencialmente do regime escravocrata posto em curso no Brasil e África.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

Desse modo, pode-se constatar que a antologia de Conceição Evaristo é inteiramente marcada pelas memórias da escravidão, bem como por situações proveniente dela e que ainda se vigoram na atual conjuntura da sociedade brasileira. Nos dois romances mais lidos da autora presentemente discutida – *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio* – é possível se lobrigar esta afirmação de modo mais substancial, uma vez que ambas as narrativas convidam discussões pertinentes, tais quais: movimentos diaspóricos, memória social escravocrata, instrumentos de subalternização e invisilibização de classes populares pelos grandes centros e classes mais bem colocadas financeiramente, papéis e violências de gênero, dentre outras.

Em *Becos da Memória* (2017), por exemplo, o eu-lírico prosaico representado por Maria-Nova exerce um movimento de fricção entre as narrativas históricas supostamente prontas com as narrativas marginais surgidas na ambiência da periferia, de modo que outras surjam com um caráter contestador em relação ao que se afirmam oficialmente no tocante da formação dos povos negros Brasil. O produto dessa vivência se configura, portanto, como um contra discurso aos escritos históricos tendenciosos desse país, como pode-se perceber neste trecho onde a personagem está em uma aula de história percebendo a discrepância entre o que discursam falaciosamente e o que se é vivido de fato pelos negros: "Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida (EVARISTO, 2017b, p. 209).

Dito isso, cabe ainda reforçar que a formação de Conceição Evaristo, tanto do ponto de vista profissional enquanto professora, escritora e pesquisadora; quanto pessoal, na qualidade de integrante da militância antirracista, é marcada pelas atrocidades decorrentes da escravidão, ocorrência esta que implica diretamente em como seus textos são produzidos na esfera científica e literária. Nesse sentido, é cabível também dizer que é ainda na infância que Conceição Evaristo, embora o registro a identifique como parda, se reconhece como uma menina negra. Sobre esta máxima, Conceição Evaristo declara que "impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra" (EVARISTO, 2009). Nessa esteira, as experiências posteriores, em especiais as que as foram apresentadas na ambiência escolar e na fase adulta, as fizeram compreender o que é ser negro no Brasil, motivando-a a ingressar em movimentos e coletivos antirracistas e, consequentemente, posicionar-se politicamente em defesa dessa e outras classes também marginalizadas em suas obras e demais espaços públicos.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

Do ponto de vista autoral, o próprio exercício da escrita, sendo esse efetivado por uma mulher afro-brasileira, se constitui como afronta ao sistema, pois, segundo a autora, a imagem que se tem sobre a mulher negra é que "ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa… é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito" (EVARISTO, 2010)[8], compreensão emergida após a instauração da escravidão. Portanto, se antes a mulher negra jamais poderia dar-se o gozo da escrita, pois a elas era reservado tão somente a obrigatoriedade de contar histórias para adormecer os da casa-grande, hoje elas escrevem, em especial Conceição Evaristo, para acordá-los de seus sonos injustos (EVARISTO, 2010).

Em relação a este processo a autora pontua que:

> O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados (sic), a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. [...] Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p. 20-21, grifo no original).

Em sentido amplo, no entanto, pode-se atentar que a escrita de Conceição Evaristo não se restringe a polarizar de forma exclusiva a dinâmica de sobrevivência e resistência feminina diante de uma sociedade aberta e agressivamente patriarcal. Para Duarte & Lopes (2018) a produção de Conceição Evaristo, desde meados dos anos 90, transita entre poemas, contos e romances privilegiando a "abordagem dos dilemas identitários dos afrodescendentes em busca de afirmação numa sociedade que os exclui e, ao mesmo tempo, camufla o preconceito de cor" (DUARTE & LOPES, 2018). À vista disso, é possível perceber que Conceição Evaristo, no processo de escrita literária e ensaística, opera de maneira a legitimar a existências de sujeitos que por muito tempo foram expostos ao ocultamento social: escravos, vadios, putas e outros.

Baseado nisso, Oliveira (2009a) considera que as obras da autora são habitadas por "excluídos sociais ("*lumpesinato*"), dentre eles favelados, meninos e meninas de rua, mendigos, desempregados, beberrões, prostitutas, "vadios" etc." (OLIVEIRA, 2009a, grifo no original). Essa assertiva, por sua vez, pode ser mais bem constatada, na carta de apresentação da 3ª edição da obra *Becos da Memória* (2017b), a qual aparece sendo publicada em homenagem aos "*bêbados*, às *putas*, aos *malandros*, às *crianças vadias* que habitam os becos

[8] EVARISTO, C. *Depoimento*. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

de minha memória. [...] às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negra, aloiradas de poeiras do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela" (EVARISTO, 2017b, p. 17, grifo nosso).

Ainda nesse trajeto, ao analisar o projeto escrita de Conceição Evaristo, Oliveira (2009) pondera que esta é constituída por um fio pelo quais são conduzidas as memórias da autora e se intercruzam três elementos primordiais: corpo, condição e experiência.

Para este autor "o lugar de enunciador mostra-se solidário e identificado com os menos favorecidos, vale dizer, sobretudo, com o universo das mulheres negras" (OLIVEIRA, 2009b). No entanto, embora a escrita em questão seja ambientada comumente pelas "caracterizações físicas, psicológicas, sociais e econômicas" de personagens femininas, é importante salientar que o projeto de escrita da autora não se restringe a somente elas, pelo contrário, incluem-se tantos outros sujeitos marginalizados. O romance *Becos da Memória* (2017), por exemplo, é a ilustração mais bem explicativa desse processo de inclusão de classes minoritária na escrita literária, pois percebe-se um esforço visceral por parte da narradora em incluir e visibilizar personagens historicamente perseguidos, pois, segundo ela, a presente narrativa contempla "homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim como amontoados eram os barracos da minha favela" (EVARISTO, 2017b, p. 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos por objetivo tencionar discussões acerca da construção do projeto de escrita da professora, escritora e militante antirracista Conceição Evaristo, autora de obras memoráveis e em evidência, especialmente, nos últimos anos. Desse modo, por meio de uma abordagem sócio histórica, investigamos o contexto em que está inserida a escrita da autora para que, assim, consigamos entender com propriedade o cenário e as motivações que subsidiaram o surgimento do conceito de escrevivência – nomenclatura pela qual a escritora nomeia suas produções artísticas, científicas e outras de diferentes naturezas.

Ao traçar uma referencialidade histórica do projeto de escrita de Conceição Evaristo, sobretudo considerando todas as suas publicações e os dissidentes gêneros, como assim fizemos ao materializar esta pesquisa, percebeu-se que seu ofício literário, autonomeado por escrevivência, tem fortes relações com o passado colonial, em que homens e mulheres negras foram sujeitadas a anos de escravidão, tendo suas liberdades e identidades esfaceladas.

As atrocidades propagadas pelo homem branco e as consequências desse regime que ainda respingam nas conversões sociais da contemporaneidade são pautas presentes em todas

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

os romances assinados por Conceição Evaristo que, como vimos, aparecem sendo grosseiramente atravessados por um fio colonial, de modo que a constituição do projeto de escrita da autora fora impulsionado por uma imagem da casa-grande usufruindo da mão de obra escravocrata de homens, mulheres e até crianças sem nenhum remorso ou pudor.

Nesse sentido, o papel atribuído às mulheres negras durante a escravidão – aquele de servir aos senhores e senhoras da casa-grande como empregadas doméstica; ama de leite; objeto de satisfação e iniciação sexual dos filhos dos donos da fazenda e afins –, em especial, arroja grandiosamente a iniciação e continuidade da escrita de Conceição Evaristo, que emerge com objetivo de romper com o papel de passividade que este regime as reservou e, inversamente, colocá-las como sujeita e sujeitos munidos de consciência – tal qual suas personagens.

No entanto, a escrita de C. E. não se limita exclusivamente ao passado escravocrata, uma vez que, em suas obras, a autora, também imbricada em processos e memórias históricas, movimenta-se em relação ao passado, resgatando, sob a criação de personagens, identidades que por muito tempo na historiografia brasileira foram excluídos e marginalizados, tais como bêbados, vadios, prostitutas, dentre outros. Assim, Conceição Evaristo faz com que, em um esforço consciente, suas obras sejam habitadas por estes sujeitos, atribuindo-lhes o espaço de fala e a legitimidade da experiência de ser que lhes foram destituídos em detrimento de uma sociedade embebecida por preceitos amorais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Mucamas**. 2013. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=952:mucamas&catid>. Acesso em: 24 dez. 2019.

DUARTE, A.; LOPES, E**.** Conceição Evaristo: literatura e identidade – Crítica. **Literafro – portal da literatura afro-brasileira.** 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>. Acesso em: 26 dez. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

_____. **Becos da Memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017b.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe; um dos lugares de nascimento de minha escrita.** In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/conceicaoevaristo/>. Acesso em: 24 abril. 2020.

_____. *Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG.*

GAGNEBIN, Jeanne. **Lembrar escrever esquecer**. 1ºed. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GIACOMINI, Maria. **Mulher e escrava, uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Local: Vozes, 1988.

MACHADO, Barbara Araújo. Memória, história e literatura na obra da escritora negra Conceição Evaristo. In: X Seminário Internacional Fazendo Gênero, X, 2013, Florianópolis. **Anais**... Santa Catarina: UFSC, 2013. p. 1-10. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1383836323_ARQUIVO_BarbaraAraujoMachado.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MENDES, António. **Portugal e o tráfico de escravos na primeira metade do século XVI**. *Africana Studia*, 2004, 7: 13-30.

NOGUEIRA, Tamis. Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 4, p. 47-58, 2017.

OLIVEIRA, Luiz. "Escrevivências": rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 17, n. 2, p. 85-94, 2009a.

_____. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621, jan. 2009b. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000200019/11370>. Acesso em: 14 nov. 2019. doi: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019.

PINSKY, James. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

RIBEIRO, Alexandre.; SILVA, Domingues. "O tráfico de escravos africanos: novos horizontes: Apresentação." **Tempo - Revista do Departamento de História da UFF**, vol. 23, no. 2, 2017, p. 290+. Gale Academic Onefile, Accessed 23 dez. 2019.

SILVA, Marcio José. **Bizarrices no Brasil I: a Política**. 1. ed. Curitiba: Appirs, 2018.

TV PUC - RIO. **A "escrevivência" na literatura feminina de Conceição Evaristo**. 2017. (14m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8&t=350s>. Acesso em: 06 set. 2019.

TVBRASIL. **"Não escrevemos para adormecer os da casa-grande", diz Conceição Evaristo sobre escritoras negras**. 2017. (1m04s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pCq9E-d8_o>. Acesso em: 23 dez. 2019.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 20-32, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 abr. 2021 | Aceito em: 20 maio 2021.